

LISBOA 94: O SABOR AMARGO DO FUTURO?

António Laginha *

O ano de 94 está praticamente no fim e com ele termina um período que poderia ter sido de enorme importância para as artes teatrais portuguesas. Se se tivesse sabido tirar dividendos de um longo festival que deveria deixar rasto e servir de impulso para uma actividade artística regular e continuada pelos anos próximos, seguramente poucas teriam sido as vozes discordantes.

O sucesso de tal proposta, naturalmente, passaria - acima de tudo - pelo investimento na produção nacional, sempre tão carenciada de apoios, seguida pela "importação" de espectáculos co-produzidos internacionalmente e, finalmente, pelos que chegam completamente acabados. A prática de "alugar, ver e deixar partir" nalguns casos poderá resultar menos onerosa, contudo, facilmente se torna inimiga do acto criativo e da produção autóctone. Mesmo num festival deste tipo, tal opção de facilidade (que não foi muito seguida no teatro, mas que na dança andou mais perto) poderia ter feito perigar o sucesso da iniciativa. Em anos anteriores, a produção de dança teatral tem sido manifestamente escassa nos nossos palcos; se em 94 se tivesse alinhado pelo diapasão do puro mercantilismo, o "erro" teria sido imperdoável.

À semelhança do que se passou nos últimos anos em algumas cidades da Europa - e através de uma estratégia definida por parâmetros que não se afastaram muito das anteriores "capitais da Cultura" - Lisboa 94 tentou aproximar a "cidade das sete colinas" dos circuitos internacionais e de uma prática artística que solidificasse uma cultura antiga que, ao longo de muitos séculos, se tem cruzado com outras, contaminando-as e deixando-se contaminar.

Aproveitou-se também o pretexto para, além da exibição de espectáculos de música, dança, teatro, cinema, de exposições várias, do lançamento de obras literárias, etc., se recuperar alguns edifícios ou, nalguns casos, apenas restaurar certas fachadas ...

Apesar da realização de alguns eventos de inquestionável interesse, mas de carácter mais ou menos pontual, a verdade é que o Portugal "europeu" de 94 ainda está longe de acompanhar outros países que deliberadamente apostam na sua cultura e a projectam além fronteiras regularmente e com estratégias consistentes.

Numa nação com insuficiências a nível de formação e com tantos problemas na garantia de emprego aos poucos artistas que aqui se formam, não terá sido de estranhar as críticas de todos os que viram em Lisboa 94 pouco mais que uma feira de vaidades para alimentar o ego de um novo-riquismo socialmente ascendente e muitas vezes impreparado para ver num qualquer espectáculo mais do que um pretexto para piscar o olho aos cronistas sociais.

* M.F.A. Dança. Jornalista.

Se se tomar em linha de conta, por exemplo, que o orçamento para a Ópera de Paris, para o ano de 95, será de 85 milhões de francos, mesmo sem fazer quaisquer reconversões para o nossa moeda, se percebe que é muito dinheiro destinado a alimentar uma instituição centenária e cuja qualidade artística o governo francês continua empenhado em promover e desenvolver.

Ao contrário, aqui investe-se prioritariamente em barcos e aviões de guerra. Basta consultar o Quadro da Despesa Pública para o próximo ano civil onde se inscreve um investimento de 260 milhões de contos na rubrica "Defesa Nacional" em oposição a uns escassos 54,3 para "Serviços culturais, recreativos e religiosos" - todos num mesmo saco, não se especificando as quantias para cada serviço - para se ver no que é que o nosso governo se preocupa em gastar os impostos do cidadão comum.

Numa altura em que o nosso turismo também não se encontra na sua melhor forma, Portugal que por vezes parece ser um país de sol e pouco mais, poder-se-ia também apostar num forte vector cultural vivo. A importância desse tipo de oferta, pelo menos nos meses de Verão, a Câmara Municipal de Sintra - ou melhor o seu pelouro do Turismo - já percebeu, e, desde há uns anos a esta parte tem promovido espectáculos bastante ecléticos e muito concorridos dentro dos palácios de Queluz e Seteais.

Além da área metropolitana de Lisboa, o binómio dança-turismo também já se ensaiou nos Festivais do Algarve, porém continua a ter uma expressão muitíssimo reduzida no cómputo geral do país. Com alguma sorte pode ser que um dia cheguemos a ver o novo Instituto do Bailado e da Dança cumprir os seus estutos, nos quais se refere claramente a "promoção dos artistas nacionais, o apoio e incentivos à criação de novas obras e à formação profissional, a realização de festivais, distribuição e venda de espectáculos, etc". Em suma, fomentar a dança em todas as suas vertentes e em todos os quadrantes geográficos deste pequeno rectângulo que com toda a facilidade se cruza de norte a sul e de nascente a poente.

Quase todo o ano de 94 - se se admitir que o festival se iniciou oficialmente em 26 de Fevereiro com uma apresentação no Coliseu totalmente renovado da Orquestra Sinfónica de Londres dirigida pelo maestro Sir Georg Solti e com o pianista português Pedro Burmester, como solista - foi, apesar de tudo, um período em que a nossa capital foi palco de alguns espectáculos ímpares. Mas apenas na capital, já que se não aproveitou a estada de muitos grupos e solistas de grande qualidade, para os levar também a outras localidades, e a "brilhante" ideia de trazer público do interior do país a Lisboa, não parece ter dado grandes frutos.

Dança em 94

As programações musical e teatral de Lisboa 94, além de obras de criadores nacionais, trouxeram a Lisboa vários artistas e trabalhos de gabarito internacional. Refira-se a título de exemplo, na área das artes teatrais, obras espantosas como "Alice" (com encenação de Robert Wilson) e o belíssimo "Angels in America" do norte-americano Tony Kushner. Na rubrica dança, cujas escolhas estiveram a cargo do director artístico do Ballet Gulbenkian, apostou-se deliberadamente na vertente contemporânea.

Apenas uma única companhia de formação clássica, o Ballet Nacional da Holanda, trouxe ao Centro Cultural de Belém um espectáculo do coreógrafo norte-americano William Forsythe, "Artifact", baseado na técnica académico-clássica, mas que vai muito para além dos seus condicionalismos estéticos. Uma espécie de "compensação" algo "ortodoxa," para todos os que esperavam ver algumas obras do reportório museológico numa programação que, em princípio, deveria ter sido desenhada para "agradar a gregos e troianos"...

As presenças do grupo japonês *Sankai Juku* e da Companhia de Wuppertal dirigida por Pina Bausch, foram os pontos altos da temporada, se bem que o "género" (muito bem) defendido por Bausch - genericamente denominado "dança-teatro" - se insira num limbo entre as duas classificações tradicionais.

Apesar dos artistas nipónicos terem trazido duas peças de grande rigor e esteticamente atraentes, elas resultaram numa escolha algo redutora já que, nos últimos anos, a coreografia de Ushio Amagatsu perdeu muita da violência e tensão das peças de há uns anos atrás. Pelo contrário, Pina Bausch trouxe a Portugal cinco obras relativamente bem escolhidas do seu reportório de duas décadas e em que pontuaram o expressivo "Café Muller" e a espantosa "Sagração da Primavera". Pena foi que não tenha vindo também o aquático "Arien" e que, tal como já aconteceu em cidades como Madrid, Roma e Palermo, a diva alemã não tenha feito de Lisboa um ponto de criação, dentro do seu circuito internacional de digressões.

A vinda do Ballet Nacional de Espanha e de dois grupos de Bailarinos do Estado da Geórgia (adultos e infantis), todos ao Coliseu, pautou-se por uma esperada adesão devido às suas características populares e lúdicas. Esta última foi mesmo filmada para uma cadeia de televisão, que lhe dedicou uma "soirée" em horário nobre.

Companhias de "autor", conhecidas em todo o mundo, mas de certo modo algo elitistas escolhidas para vir a Lisboa-94, foram as de Merce Cunningham e de Anna Teresa de Keersmaeker.

Todas as companhias portuguesas profissionais sediadas em Lisboa participaram neste festival, sem, no entanto, transparecer nenhum desvio ou sobressalto nas suas temporadas. Apenas se tentou que os seus trabalhos levassem o selo da "capital europeia da cultura". Começando pela mais antiga, o Ballet Gulbenkian, que se pode orgulhar de, nos últimos tempos, ser a única que neste país continua a trabalhar com um calendário minimamente organizado, apresentou um novo espectáculo do seu coreógrafo residente, "Amaramália" que serviu para, posteriormente, levar a algumas localidades portuguesas e estrangeiras. A antiga companhia de bailado do Teatro de S. Carlos - em 94 já na total dependência de um novo Instituto - limitou-se a cumprir um programa "empoeirado" (Sagração da Primavera e As Bodas) de homenagem aos famosos irmãos Nijinsky, Vaslav e Bronislava.

A Companhia de Dança de Lisboa, assinalou a sua presença com uma encomenda de Lisboa 94 à sua então directora e coreógrafa, Olga Roriz, intitulada "Introdução ao Princípio das Coisas".

A jovem Companhia de Dança Contemporânea de Setúbal, com "Dançar Zeca Afonso", homenageou, num espectáculo único no Teatro Municipal de S. Luiz, o grande trovador revolucionário no próprio dia 25 de Abril.

Quanto à chamada dança portuguesa "independente", a direcção do festival convidou praticamente todos os novos coreógrafos cujo trabalho tem vindo a conhecer algum prestígio além fronteiras. Vera Mantero e Francisco Camacho partilharam dois espectáculos com obras em estreia, João Fiadeiro trouxe do Brasil o seu "Projecto Salvador" e a dupla Clara Andermatt-Paulo Ribeiro, influenciados por uma frutuosa estadia em Cabo Verde estrearam no Coliseu uma peça bastante atraente que, uns meses depois, acabaria por conquistar o IV Prémio Acarte/Madalena Perdigão.

Dois outros projectos com algum interesse foram, respectivamente, o Skite - laboratório internacional de expressões coreográficas experimentais - e um encontro entre escolas portuguesas (sediadas no velho edifício do Conservatório Nacional) e francesas. Este último ter-se-á revelado particularmente positivo para quem, na área da pedagogia da dança, ainda não tivesse percebido quanto caminho ainda temos que percorrer.

Opção editorial bastante discutível - sobretudo por ser a única a lançar por Lisboa-94 nesta área e tendo em vista a escassez de publicações de dança em língua portuguesa - terá sido a de se encomendar uma obra intitulada "Dançaram em Lisboa". A ideia de agrupar cronologicamente todos os artistas e grupos estrangeiros que neste século visitaram Portugal não revela grande originalidade e o seu interesse será bastante reduzido para o cidadão comum. Mais uma vez se pensou numa obra particularmente útil a investigadores, mas cuja leitura e alcance dificilmente atingirá o grande público.

Se outras actividades relacionadas com a arte de Terpsicore e sob os auspícios de Lisboa 94 decorreram neste ano na capital e não foram aqui assinalados, tal como uma modesta homenagem a Martha Graham que se fosse viva completaria este ano cem anos, possivelmente não despertaram uma atenção merecedora de destaque.

Será, pois, possível fazer-se, desde já, uma retrospectiva do que foi Lisboa 94 - não deixando de ter presente a situação bastante desequilibrada em que a dança portuguesa mais ou menos "institucionalizada" se encontra neste final de ano - mas há que ser prudente neste tipo de análises "a quente".

Mais do que uma "feira de vaidades", como alguém lhe chamou - por ter beneficiado pessoas que sempre estiveram, estão e estarão ligadas às artes ou à política, não tendo realmente feito um público verdadeiramente "novo", como, aliás, seria de esperar - terá sido uma espécie de grande pirueta na nossa agenda de espectáculos com um ou outro "melhoramento" no património para não deixar as coisas apenas pelo que é efémero.

Todavia, se em 95 (e mesmo depois em 96) os artistas portugueses passarem muito tempo a pagar a "factura" de 94, o festival terá tido aspectos bastante negativos dentro do "desequilíbrio" em qua nossa dança consegue sobreviver.

Por tal razão o verdadeiro balanço da iniciativa não deverá ser feito de imediato. Ainda que, dentro de um espírito em que possa transparecer um particular cepticismo, deveremos esperar pelo final de 95 para se observarem os verdadeiros resultados.

E se se verificar que os apoios e iniciativas vão ser drasticamente reduzidos com a desculpa de se ter feito um enorme “esforço” financeiro para Lisboa 94, tudo não passará de mais um “equivoco dourado” por se não terem lançado sementes para que este festival fomentasse uma continuidade consistente e se estendesse até outros pontos do país carenciadíssimos de manifestações culturais...

If we need something to offset our realistic theater, undoubtedly the dominant theater of our age, if we need reminding of another possibility, if it is desirable to keep another, the other, sort of theater alive, then we should thank Martha Graham. She is the fullest realization we know of that magical theater of which Craig and Yeats and so many others have dreamed.

Eric Bentley, 1952



